

FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS EM NÍVEL DE PÓS-GRADUAÇÃO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PESQUISADOR

Ricardo Gauterio Cruz¹
Rossane Vinhas Bigliardi²

RESUMO: Neste estudo, partimos do entendimento da Educação Ambiental em sua vertente crítica, emancipatória, transformadora, de caráter permanente e interdisciplinar, entendida como Educação política que, dentre outros princípios, preconiza que necessita haver uma compreensão complexa do ambiente e a adoção de uma atitude crítica diante dos desafios que a crise estrutural do capitalismo nos coloca, partindo-se do princípio de que o modo como vivemos não atende mais aos nossos anseios e compreensão de mundo e sociedade. Para entender-se o processo de constituição do atual quadro de vertentes da pesquisa em educação ambiental, mostra-se importante resgatar alguns elementos pertinentes ao próprio processo de construção do conhecimento e aos paradigmas científicos. Relevante também é, a partir dessa retomada do processo histórico de produção de conhecimentos, buscar entender os determinantes sócio-histórico-culturais, éticos e políticos ligados ao campo de estudo. Neste sentido, nossas considerações acerca do fenômeno material em estudo, é de que o processo de constituição do educador ambiental tem por determinante ontológico prioritário a relação travada com seu fenômeno de pesquisa, motivada por certo referencial teórico, ou seja, por uma determinada compreensão de mundo. Neste processo, entendemos que o momento predominante da determinação, ou seja, a influência fundamental no caminho a ser trilhado, está guardado na relação entre o educador ambiental em formação e o seu orientador,

¹ Graduado em Administração de Empresas, Mestre em Educação Ambiental (PPGEA-FURG). Universidade Federal do Rio Grande. ricardo.gauterio@gmail.com

² Graduada em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação Ambiental (PPGEA-FURG). Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense. rossanevb@hotmail.com

R. de Ciências Humanas	Fredererico Westphalen	v. 13	n. 21	p. 43 - 59	Dez. 2011. Recebido em: 28 jul 2012 Aprovado em: 23 ago. 2012
------------------------	------------------------	-------	-------	------------	--

uma vez que podemos inferir significativa correlação entre as opções teórico-metodológicas adotadas por um e por outro.

Palavras-chave: Formação de Educadores Ambientais. Dialética Materialista. Constituição do Sujeito.

INTRODUÇÃO

Este estudo concentra sua atenção na análise reflexiva do processo de constituição dos Educadores Ambientais do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Tal opção está alicerçada em nossa vivência enquanto pesquisadores e profissionais da área da educação, e na compreensão de mundo materialista histórico, opção teórico-metodológica sobre qual se sustenta nossa análise.

Segundo a compreensão de mundo que aqui desenvolvemos, a pesquisa científica precisa ter clareza de suas intenções, do porque trabalha, e de sua responsabilidade frente à crise societária atual e ao modelo de estruturação das relações sociais do qual a crise de sustentabilidade ambiental é consequência.

Entender que o estado atual em que se encontra nossa sociedade, sua insustentabilidade, os parâmetros éticos pelos quais se pauta e a preponderância de garantia dos interesses dos meios produtivos capitalistas em detrimento dos interesses e garantias das maiorias oprimidas e alienadas, é, em nossa compreensão, condição necessárias para a tomada de decisão em relação aos rumos da pesquisa científica e de nossa constituição como investigadores.

As ponderações que aqui fazemos são fruto de um processo reflexivo sobre nossa própria trajetória de formação enquanto educadores ambientais, no processo de pesquisa realizado em nosso percurso formativo de pós-graduação em Educação Ambiental da FURG, em que, focando nossos fenômenos particulares de pesquisa, buscamos indícios desveladores dos pressupostos que sustentaram as experiências educativas que vivemos, em formação e atuação docente.

Os pressupostos da Educação Ambiental Crítica Emancipatória são apresentados como favorecedores de um processo educativo

pautado por princípios tais como diálogo, participação consciente e emancipação dos sentidos, entre outros, igualmente importantes, como solidariedade, democracia, respeito, cooperação. Nesse processo de reflexão crítica sobre o vivido, tornou-se bastante forte o sentimento de intervenção de diferentes modelos científicos de educação a partir dos quais fomos sendo constituídos ao longo desses e outros espaços socioeducativos.

Esse estudo objetiva produzir conhecimentos oferecendo elementos que qualifiquem ainda mais a fundamentação das decisões relativas aos processos formativos desenvolvidos no Programa e, mais ampliadamente, no campo da pesquisa em Educação Ambiental. Entendemos, assim, que nossas investigações (BIGLIARDI, 2012 e CRUZ, 2012) produziram conhecimentos novos que permitem novas práticas sociais e a problematização daí advinda, o que favorecerá a fundamentação das decisões teórico-metodológicas efetivadas nos futuros processos de formação implementados pelo PPGEA. A partir deste argumento, pode-se considerar que tal preocupação tem como objetivo contribuir para a qualificação do processo de formação do pesquisador-educador ambiental.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA INVESTIGAÇÃO

Da forma como percebemos o papel do pesquisador – e sua inevitável e desejável identidade e intencionalidade enquanto sujeito que conduz a pesquisa – pensamos que o grau de contribuição do processo de pesquisar pode ser ampliado quando este assume as premissas que o caracterizam, ou seja, um *a priori* de onde fala e de onde enxerga o pesquisador. Assim, entendemos que seja necessário, antes de qualquer aprofundamento teórico ou delineamento da pesquisa em si, falar um pouco a respeito de nossa compreensão de mundo.

Iniciamos, portanto, pela opção, ao mesmo tempo metodológica e político-ideológica, que sustenta este estudo, a teoria que dá suporte aos saberes que estamos produzindo: trata-se do materialismo histórico-dialético, ou como é comumente denominado, do método marxista.

O marxismo é “um movimento político-prático”, como aponta

Bottomore, “uma forma de socialismo que se distingue no interior das correntes de pensamento socialista por sua combinação de uma prática revolucionária com uma teoria social radical e abrangente” (1998, p. 152), é a teoria que sustenta a análise do desenvolvimento do sujeito e do modo como se organiza em cada momento histórico de seu existir, como organiza o modo de produção das condições materiais necessárias à produção da vida e à reprodução da própria sociedade.

Encontramos no materialismo histórico-dialético a possibilidade de análise do real em um determinado grau de profundidade, que a realidade se desvela, em sua concretude, não por meio das manifestações aparentes, que a ideologia burguesa nos quer fazer crer, seja a essência do real, mas por meio das relações de produção e de reprodução que, de modo objetivo, compõem a essência da sociedade de classes.

Assim, buscar a essência dos fenômenos há de ser o compromisso histórico do pesquisador, para desvelar o que se esconde por detrás da realidade aparente enquanto objetivo último de toda a ciência. Compreendemos o marxismo, assim, como a ciência da revolução proletária, como a arma de luta pela emancipação da classe oprimida (LUKÁCS, 2002), o fator decisivo na superação da sociedade capitalista e na “interrupção” do processo de destruição ambiental que é consequência de seu modo de organização.

Devido ao caráter histórico – e, por isso, transitório – das formas de organização da sociedade, o atual modo de produção não pode ser aceito como a meta final do desenvolvimento da humanidade – como querem fazer crer os ideólogos burgueses – mas pelo contrário, devido à historicidade de seu desenvolvimento, assim que reunir as condições materiais próprias, a sociedade capitalista será superada por um modo qualitativamente superior de produção da vida, como ocorreu com a sociedade feudal, com a sociedade escravagista, e com todos os modelos civilizatórios: surgimento, apogeu, declínio e superação no processo de desenvolvimento das formas históricas do homem se organizar para viver em sociedade.

Como argumenta Bottomore, para Marx, “a função do modo de produção capitalista está na criação dos pressupostos materiais de uma futura sociedade socialista e do comunismo” (1998, p.

142). Segundo Bottomore, “a exploração do homem pelo homem, a reificação das relações sociais entre seres humanos como relações entre coisas, a destruição dos pressupostos vivos de toda a produção – que são a natureza e a humanidade”, são fenômenos necessários deste modo de produção, e em cujas consequências reside o germe de sua própria superação.

Vencer a compreensão equivocada e preconceituosa acerca da teoria marxista é provavelmente, um dos primeiros desafios que o próprio marxismo enfrenta. Se o marxismo é a arma de luta da classe trabalhadora, ele suscita “a maior hostilidade e ódio de toda a ciência burguesa, que vê no marxismo qualquer coisa como uma seita de malfeitores”, isso porque “a ciência liberal defende, de um modo ou de outro, a escravatura assalariada, enquanto que o marxismo declarou uma guerra implacável a esta escravatura” (LÊNIN, 1987, p. 57).

Os saberes hegemônicos que a classe burguesa produz, dessa maneira, não apenas buscam legitimar a sua situação de classe, como também buscam afastar a classe trabalhadora de saberes autênticos e revolucionários, saberes que lhe possibilitem o desenvolvimento de sua consciência de classe e das reais possibilidades de superação do modo de produção.

Segundo Marx e Engels “não é possível libertar os homens enquanto estes forem incapazes de obter alimentação e bebida, habitação e vestimenta, em qualidade e quantidade adequadas” (2007, p. 29). Por isso, o modelo civilizatório que propõem o marxismo há de ser um mundo de satisfação das necessidades humanas; não das necessidades artificiais que a mídia de massa e a ideologia burguesa produzem, que são as necessidades de reprodução do capital, e não da humanidade, mas da satisfação de necessidades genuinamente humanas.

O traço que caracteriza o marxismo enquanto corrente filosófica, é seu posicionamento frente às categorias de matéria e consciência. “O materialismo”, nos diz Lênin, “é a filosofia do marxismo” (1987, p. 58), e porque se comprova na realidade objetiva, na prática social dos sujeitos, na materialidade da vida, é “justa, harmoniosa e completa, dá aos homens uma concepção coerente do mundo, inconciliável com a defesa da opressão burguesa (LÊNIN,

1987, p. 58).

Como aponta Bottomore, o marxismo “sustenta, dialeticamente, que o material e o ideal são diferentes, na realidade opostos, mas existem dentro de uma unidade na qual o material é básico ou fundamental” (1998, p. 259), ou seja, “a matéria pode existir sem o espírito, mas o inverso não pode ocorrer. O espírito [a consciência] originou-se, historicamente, da matéria, e dela continua dependendo” (1998, p. 259).

Para o Materialismo Dialético, assim, a matéria que é infinita, sempre existiu e sempre existirá, mudando historicamente sua forma; e a consciência é propriedade de uma forma particular de organização da matéria – o cérebro humano – que se desenvolveu no processo de socialização dos primatas superiores pelo caráter coletivo como interagem e transformavam a natureza, transformando a si próprios no processo.

Dentro desse estudo, assumimos que a consciência, “é um produto da matéria”, que “permite que o mundo se reflita nela, que assegura a possibilidade que tem o homem de conhecer o universo” (TRIVIÑOS, 1987, p. 50), ou seja, o conhecimento acerca da realidade, conteúdo da consciência, para o marxismo, é um reflexo da realidade objetiva, que permite ao homem conhecer o mundo e constituir-se histórica e socialmente.

A realidade é representada na consciência “sob a forma de imagens produzidas no cérebro humano pela interação do homem com esse mundo” (CHEPTULIN, 1982, p. 99), ou seja, em sua prática social, no processo de produção das condições materiais necessárias à reprodução da vida, é que o sujeito constitui sua consciência e, assim, constitui-se enquanto ser social.

A teoria marxista, enquanto teoria da realidade social, cuja motivação está ligada à retomada do desenvolvimento humano, é a teoria da revolução social, no sentido de outro mundo possível – slogan do Fórum Social Mundial, em oposição ao Fórum Econômico de Davos – ou seja, de um modo de produção que venha a preocupar-se com as reais necessidades dos indivíduos, e não com a acumulação de capital enquanto produto de seu próprio metabolismo.

Entendemos, assim, que a construção de novos patamares societários, com a superação do capitalismo, nos possibilitará não

apenas superar as desigualdades sociais, como apresentar solução à crise ambiental que vivemos. Como estratégia de enfrentamento, entendemos que a Educação Ambiental de vertente marxista se apresenta como opção adequada às demandas urgentes de nosso tempo.

Baseados nesta perspectiva teórica, investigamos o percurso formativo de egressos do PPGEA, que desenvolveram suas investigações vinculados à Linha de Pesquisa Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores/as (EAEFE) – inclusive nosso próprio percurso formativo – procurando realizar um estudo crítico capaz de identificar elementos explicativos acerca do processo de constituição desses sujeitos de pesquisa.

CONSTITUIÇÃO DOS EDUCADORES AMBIENTAIS

Em nossa compreensão, a crise ambiental por que passa nossa sociedade não é a crise do meio ambiente, mas a crise dos valores éticos e culturais que fundamentam nosso modo de vida e que produzem a ameaça ao meio ambiente; é, sobretudo, uma crise do modo de produção da vida, ou como a temos chamado, com apoio de Mészáros (2009), a crise estrutural do Modo de Produção Capitalista.

Assim, a alternativa que se apresenta gira em torno de um novo *ethos*, uma ética que nos possibilite a apropriação da natureza de forma não danosa, equitativa e sustentável, de uma sociedade de um novo pensar e de um novo agir, “reconstruída a partir do resgate da fraternidade, do respeito ao próximo e da solidariedade” (GOMES, 2007, p. 91).

Urge, portanto, uma revolução paradigmática, que ponha rédeas à prática social balizada por princípios danosos ao meio ambiente e à dignidade da pessoa humana, que é, em última análise, uma prática social danosa à vida humana.

Esta revolução paradigmática é preocupação premente da vertente crítica e emancipatória da Educação Ambiental (LOUREIRO, 2004), que neste trabalho é apresentada como ação política e prática transformadora da sociedade, que pensa o modo de produção capitalista como origem primeira do problema ambiental, problematizando tal fenômeno, na busca pela superação de suas

contradições.

Assim, tratamos de apresentar a Educação Ambiental como um embrião dentre muitos de outra sociedade possível, vinculando-a centralmente não à preservação do meio ambiente natural, de forma simplista, mas à satisfação das necessidades humanas, e não às necessidades do capital; de forma que os seres humanos possam vir a dispor das condições mínimas necessárias à constituição saudável de sua subjetividade enquanto seres, social e historicamente determinados, que anseiam desenvolver suas potencialidades de forma digna.

Portanto, consideramos que o que o educador ambiental precisa apontar, frente ao panorama real verificado em nossa sociedade, na tentativa de adoção de outros parâmetros que não aqueles exclusivamente econômicos para a tomada de decisão, é uma necessária e desafiadora tarefa de limitação dos referenciais econômicos, em favor daqueles respaldados nas necessidades humanas.

Assim, temos que a pesquisa, tal como a educação, não sendo neutra, deve ter clara sua finalidade política; o que, em nosso entendimento, deve atuar como fator de libertação e de emancipação do ser humano; e, por conseguinte, nós, educadores ambientais, devemos buscar a superação da Teoria Tradicional, que em sua função ideológica de suporte ao *status quo*, quer a crença em uma ciência “neutra”, mas que, em realidade, esconde um viés ideológico de manutenção das condições de opressão entre classes.

Além disso, cabe salientar também que a motivação desta investigação parte do pressuposto de que “atrás das diferentes formas e métodos de abordar a realidade educativa estão implícitos diferentes pressupostos que precisam ser desvelados” (SÁNCHEZ GAMBOA, 2007, p. 24), na medida em que projetamos promover avaliações críticas que fundamentem as decisões sobre o processo de formação do educador ambiental.

Ligado a isso, vale fazer presente que no projeto pedagógico do PPGEA, apresenta-se o entendimento de que

[...] além da sua condição inconclusa, o ser humano realiza a sua humanização pela capacidade que tem de escolher, decidir e apostar no horizonte mesmo de sua facticidade histórica em que coabita com o outro, com o seu semelhante e com a natureza como um todo.

Nesse sentido, o ser humano humaniza-se também pela característica ética presente em sua onticidade. Porém, não se trata de uma ética transcendental, mas justamente de uma ética imanente, nutrida pelas diversas fontes que irrigam a sua constituição: a natureza, a cultura e a autodeterminação individual do sujeito. (SCHIMDT et al., 2010, p. 18).

Essas considerações guardam implicações importantes para o processo de pesquisa que temos desenvolvido. Em sua condição inconclusa, cabe destacar, o indivíduo se desenvolve, como temos compreendido, a partir de condições sociais e da interação com outros indivíduos. Buscamos fundamento na psicologia de Vigotski para compreender os fundamentos do modo como se constituem os educadores ambientais de modo geral, e no particular, em nível de pós-graduação no PPGEA/FURG.

Vygotsky apresentou uma nova base para a psicologia, sustentada nos princípios do materialismo histórico e dialético, preocupando-se em considerar o contexto histórico e social. É nítido que, para Vygotsky, não há uma disjunção entre teoria e método, o que significa que, ao se elaborar a teoria, o método está em processo de elaboração e, ao discuti-lo, ocorre um aprofundamento do estudo teórico. Reforçando a análise, cabe destacar que

O método é indispensável e constitutivo de todo o processo de produção de conhecimento, desde a escolha do objeto, a definição do problema, a elaboração dos instrumentos, a intervenção na realidade, os caminhos trilhados na investigação passando pela produção e obtenção dos dados, e está presente também na elaboração das análises e nas reflexões. (MOLON, 2008, p. 61).

Como trazem os fundamentos do marxismo, segundo Cheptulin (1982), a consciência é uma propriedade da matéria em seu mais elaborado grau de desenvolvimento: o cérebro humano. Mas a consciência só pôde se desenvolver enquanto estágio superior de um processo que se iniciou com o primeiro ser unicelular, no surgimento da vida no planeta, até o desenvolvimento dos organismos complexos, dos mamíferos, dos mamíferos superiores, e do próprio homem. Cada estágio qualitativo inferior foi necessário ao seu desenvolvimento posterior, e o método nos indica que o desenvolvimento não pode se estancar, sendo esta forma, que assume a humanidade, transitória e adequada apenas a este momento particular que vivemos.

A propriedade exclusivamente humana – a consciência – é o que nos determina enquanto seres de relações, e nos difere do restante da natureza não-humana, que são seres de mera reação. Por meio da consciência somos capazes de operar mudanças intencionais na natureza externa a nós, produzindo as condições materiais de que nossa vida necessita.

Quando põem em curso suas forças materiais no sentido de objetivar sua consciência, isto é, quando desenvolve sua prática social, o sujeito põe à prova a consistência dos seus conhecimentos (o quanto o seu pensamento se aproxima da realidade concreta), desenvolvendo seu aprendizado sobre a realidade, sedimentando saberes que se mostram verdadeiros, ou corrigindo saberes que se mostram equivocados. Daí dizer que a prática social é o critério de verdade do método marxista, pois é através dela que “testamos” a validade do que julgamos saber e conhecer sobre as leis de funcionamento da natureza, pela prática social, o conteúdo de nossa consciência está em constante transformação.

O desenvolvimento fisiológico do cérebro humano só se tornou possível pela natureza coletiva do metabolismo entre homem e natureza, ou seja, o trabalho – que é atividade vital do ser humano, por meio do qual transforma a natureza e transforma a si próprio – é tipicamente coletivo, daí dizermos que o desenvolvimento do ser humano só se tornou possível à medida que os homens primitivos se sociabilizaram por meio de sua atividade criadora, e no processo de relação social e de transformação da natureza, desenvolveram sua consciência sobre a realidade e sobre as relações que nela se desenvolviam.

A evolução biológica e social do ser humano, assim, se funda em sua atividade vital – o trabalho – e na forma coletiva de seu desenvolvimento – a prática social dos sujeitos. A prática social dos sujeitos, assim, possibilitou-lhes passar a desenvolver funções psicológicas “superiores”, tais como pensar em objetos ausentes, imaginar processos e fenômenos não vividos, projetar o resultado de ações que ainda não desenvolveu.

Apoiada na teoria marxista, compreendemos a constituição do sujeito (ou, a constituição do ser social) como processo análogo ao processo de desenvolvimento do pesquisador, ou seja, enquanto o

pesquisador é um tipo particular de sujeito, todo o sujeito, enquanto geral, é, de certo modo, um pesquisador.

Ao pensar o papel da ciência e, especificamente o papel dos conhecimentos produzidos no PPGEA, ao longo do processo de constituição do sujeito pesquisador, buscamos apoio na argumentação de Zanella quando defende que

[...] continuamos precisando, portanto, de sujeitos criativos, porque continuamos lutando por condições sociais e políticas que permitam a humanização, a constituição de sujeitos que possam viver com plenitude o que a história da humanidade nos tem possibilitado produzir e possam engendrar ações efetivas no sentido de transformá-la. (ZANELLA, 2004, p. 137).

Entendemos, pois, que o sujeito apreende o mundo pelos sentidos, representa-o em sua consciência, abstrai as leis gerais de seu funcionamento, faz generalizações e projeções a partir destas leis abstratas, e quando tem a oportunidade, põe estas leis abstratas à prova por meio de sua prática social. E novamente, por meio dos sentidos, irá apreender os resultados de sua prática social, refleti-los na consciência, compará-los com suas expectativas, inferir a precisão das leis gerais que havia abstraído, readequá-las de acordo com a realidade concreta, em um processo dialético e infinito.

Da mesma forma, o pesquisador, o educador ambiental irá aproximar-se de seu fenômeno de pesquisa, irá representá-lo em sua consciência, abstrai-lo de modo a compreender sua essência e as leis gerais que operam em seu interior, irá projetar hipóteses com base nesta prévia compreensão, irá aproximar-se novamente do fenômeno, buscará decompô-lo em suas múltiplas determinações, compreendê-lo enquanto totalidade complexa, readequar suas hipóteses à realidade encontrada, projetar outras, inquietar-se novamente com aspectos até então não pensados, reiniciar o processo de modo dialético, e somente finito pelas limitações temporais que as agências de fomento impõem aos programas de pós-graduação.

Tanto no primeiro processo quanto no segundo, que em nosso ver são idênticos, o sujeito (o educador ambiental) vai constituindo sua subjetividade, o conteúdo de sua consciência, conforme se vê envolvido no processo de conhecimento. Apoiados na psicologia sócio-histórica de Vygotsky; compreendemos que o sujeito (educador ambiental) não se constitui apenas na pesquisa,

mas vem se constituindo, desde o seu nascimento, de acordo com as determinações biológicas e com os condicionantes sociais que o compõem enquanto totalidade, ao passo que também não tem sua constituição “concluída” ao término da pesquisa, posto que enquanto ser inconcluso, sua consciência irá se desenvolver até sua morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas em nosso processo de pesquisa procuraram pôr em contribuição o aporte dos princípios da educação ambiental emancipatória, da abordagem sócio-histórica, mantendo coerência com os fundamentos do materialismo histórico. Compreendendo, por conseguinte, que os educadores ambientais precisem ser entendidos levando em consideração os aspectos políticos, éticos, culturais, filosóficos, psicológicos, teóricos e socioambientais que contextualizam seus processos formativos, na contemporaneidade de suas trajetórias de atuação e formação como pesquisador-educador ambiental.

Estes elementos resultam em múltiplas caracterizações das pesquisas e dos próprios sujeitos pesquisadores, assumidos nesta investigação como uma unidade na multiplicidade, eminentemente contraditórios e em contínuo processo de constituição e mudança, sofrendo e promovendo mudanças na realidade socioambiental.

Visto ter presente que não se possa assumir que haja um modelo, um padrão de educador ambiental, ao proceder esta reflexão crítica e contextual de seus processos práticos de constituição, podemos assumir que os próprios percursos formativos e de atuação profissional dos discentes dos programas de pós-graduação mostrem-se muito definidores do seu perfil enquanto estudantes-pesquisadores e egressos destes cursos.

Isto, de modo algum, significa que se esteja analisando o fenômeno em questão a partir da perspectiva de suas individualidades como determinantes desses delineamentos; diferentemente, estamos focando as considerações para as demandas do contexto sócio-histórico em que estão inseridos e com o qual precisam se sentir comprometidos com a qualificação das condições de convivência entre pessoas, das pessoas com o meio em que se encontram, do

qual fazem parte enquanto componentes da natureza, e da qual se diferenciam pela peculiaridade de sua forma de relação.

A abordagem de questões que entrelaçam as discussões socioambientais e processos didático-pedagógicos relativas à formação de educadores ambientais em nível de pós-graduação a partir dos pressupostos assumidos pelos sujeitos em suas contribuições para esta investigação favoreceu de forma significativa o processo de compreensão de suas trajetórias formativas e de sua constituição enquanto sujeitos pesquisadores.

A discussão a respeito dos pressupostos metodológicos de pesquisa, especialmente de investigações no campo socioambiental, também foi favorecida com o estudo daquilo que foi se revelando nas afirmações, e, principalmente, nas ações, nas decisões sobre percursos de investigação. Assim, a abordagem das opções metodológicas se mostrou muito frutífera, enquanto viés para se entender os fundamentos por que se guiaram os percursos formativos dos sujeitos da pesquisa.

Dentre os muitos elementos passíveis de destaque, alguns se mostraram muito influenciadores do processo formativo dos pesquisadores, dentre eles: a) Suas motivações para as discussões socioambientais; b) O grau de imbricamento do processo de pesquisa com a atuação profissional docente dos pesquisadores; c) Suas concepções a respeito do papel da ciência e da educação, do paradigma científico e do modelo de sociedade; d) A vertente de Educação Ambiental pela qual mostram aproximação; e) As caracterizações teórico-metodológicas de pesquisa em Educação Ambiental que guiam suas trajetórias; e f) A relação orientando-orientador.

Embora estes aspectos, tenham sido enunciados em itens, não há como refletir sobre os elementos dos processos formativos em foco no estudo, analisando-os de forma particularizada, como fossem autônomos e independentes entre si.

Todos são elementos de um mesmo fenômeno, influenciados e influenciadores, determinante em níveis diferentes, de acordo com o momento de constituição de cada pesquisador, no percurso do mestrado ou do doutorado, de acordo com as experiências específicas, com os coletivos dos quais participaram, as características

de suas interações com seus orientadores, seus diferentes graus de disponibilidade para dedicar-se aos estudos e ao processo de transformação por que passam todos os pesquisadores no decorrer de sua trajetória de atuação e formação.

O caminho percorrido nesta investigação aponta que a trajetória anterior ou concomitante à formação de pós-graduação em atuação profissional no ensino, pesquisa e extensão, o processo de orientação, as produções do campo acadêmico no que se refere aos conceitos de educação ambiental e às tendências de pesquisa em educação ambiental, dentre outros aspectos, são elementos fundamentadores para as opções teórico-metodológicas das pesquisas desenvolvidas e, por conseguinte, aspectos significativos para os processos de constituição dos sujeitos-pesquisadores.

Desta forma, a busca pela compreensão das relações de forças entre as múltiplas determinações que constituem o fenômeno em estudo revela-se bastante motivadora e impulsionadora dos exercícios prospectivos que favoreceram o alcance dos objetivos desta investigação. Entretanto, estamos convencidos de que o momento determinante na constituição do sujeito-pesquisador no âmbito da formação de pós-graduação em educação ambiental é aquele compreendido durante o seu processo de pesquisa. Na prática social, o educador ambiental pesquisador se constitui pesquisando, da mesma forma que o sujeito educador se constitui ao educador, como o trabalhador se constitui ao trabalhar.

Neste sentido, nossas considerações acerca do fenômeno material em estudo são de que o processo de constituição do educador ambiental tem por determinante ontológico prioritário a relação travada com seu fenômeno de pesquisa, motivada por certo referencial teórico, ou seja, por uma determinada compreensão de mundo. Assim, entendemos que o momento predominante da determinação, ou seja, a influência fundamental no caminho a ser trilhado, está guardado na relação entre o educador ambiental em formação e o seu orientador, uma vez que podemos inferir significativa correlação entre as opções teórico-metodológicas adotadas por um e por outro.

FORMACIÓN DE EDUCADORES AMBIENTALES EN EL NIVEL DE POSGRADO: LA CONSTITUCIÓN DEL INVESTIGADOR

RESUMEN: En este estudio, partimos de la comprensión de la educación ambiental en su postura crítica y emancipadora, transformadora, interdisciplinaria y permanente, entendida como política de educación, que sugiere que es necesario que haya una comprensión compleja del medio ambiente y la adopción de una actitud crítica los retos que la crisis estructural del capitalismo en los lugares, quedando entendido que la forma en que vivimos ya no cumple con nuestras expectativas. Para entender el proceso de constitución de la imagen actual de los aspectos de la investigación en educación ambiental, se presenta para rescatar algunos elementos importantes relacionados con el proceso de construcción del conocimiento y los paradigmas científicos. En este sentido, nuestras consideraciones acerca de los fenómenos materiales en estudio, es que el proceso de incorporación de los educadores ambientales es la determinación de la prioridad ontológica de la relación de pelearse con su fenómeno de investigación, motivado por un cierto marco teórico, es decir, por una cierta comprensión de realidad. En este proceso, entendemos que en el momento dominante de determinación, es la influencia fundamental en el camino a seguir, se almacena en la relación entre el educador ambiental en la formación y su asesor, ya que se puede inferir una correlación significativa entre lo teórico y lo metodológico.

Palabras Clave: Formación de Educadores Ambientales. Dialéctica Materialista. Constitución del Investigador

REFERÊNCIAS

BIGLIARDI, R. V. **O processo de constituição dos educadores ambientais no contexto da crise civilizatória: um estudo de caso com os mestres-doutores do PPGEA/FURG.** Tese (Doutorado). Rio Grande: FURG, 2012.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista.** Rio de

Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CHEPTULIN, A. **A Dialética Materialista: categorias e leis da dialética.** São Paulo: Alfa-omega, 1982.

CRUZ, R. G. **A Formação de educadores ambientais na crise estrutural do capital: um estudo de caso com egressos do PPGEA/FURG.** Dissertação (Mestrado). Rio Grande: FURG, 2012.

GOMES, D. V. A Solidariedade Social e a Cidadania na Efetivação do Direito a um Meio Ambiente Ecologicamente Equilibrado. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 5, n. 9, jan./jun. 2007.

LÊNIN, V. I. **O Que É Marxismo?** Porto Alegre: Momento, 1987.

LOUREIRO, C. F. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental.** São Paulo, Cortez, 2004.

LUKÀCS, G. A autocrítica do marxismo. In: PINASSI, M. O.. LESSA, S. **Lukács e a atualidade do Marxismo.** São Paulo: Boitempo, 2002.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, I. **A Crise Estrutural do Capital.** São Paulo: Boitempo, 2009.

MOLON, S. I. **Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica. Informática na Educação: teoria e prática**, v. 11, n. 1, 2008, p. 56-68.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias.** Chapecó: Argos, 2007.

SCHMIDT, E. B. et al. **Projeto Pedagógico do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental.** Rio Grande, FURG, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

ZANELLA, A. V. Atividade criadora, produção de conhecimentos e formação de pesquisadores: algumas reflexões. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 1, p. 135-145, n. especial, 2004.